

**“Porque isso é coisa de mulher!”:
Participação masculina em um programa de
universidade aberta para a terceira idade**

Elaine Lima da Silva*

RESUMO: Este artigo é um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Sociais, intitulado *Velhices Masculinas: um estudo sobre experiências do envelhecer* apresentado em 2011. O objetivo foi identificar as concepções de velhice dos entrevistados e compreender os motivos da baixa participação masculina em um programa de universidade aberta para a terceira idade. Foram realizadas cinco entrevistas semiestruturadas com participantes homens do Núcleo de Estudos da Terceira Idade da Universidade Federal de Santa Catarina – NETI/UFSC. Os resultados foram percepções contrárias de suas velhices em relação aos estereótipos impostos pela sociedade. Visão essa obtida através da compreensão de como os entrevistados percebem sua existência, direcionam suas ações e projetos ao lado de seus pares geracionais e de suas companheiras em suas próprias velhices. Foi possível perceber que participar em um programa para a terceira idade não necessariamente está vinculado à aposentadoria, mas por fatores diversos, como o interesse pelos cursos de línguas, por exemplo. Sendo maioria feminina, permanecer no NETI contraria a posição de muitos homens que desistem ao ver tantas *mulheres juntas*, igualando-se à condição humana de aprendizes, independente do gênero.

Palavras-chave: Envelhecimento; Participação; Universidade Aberta para a Terceira Idade; Gênero.

1. Introdução

Este artigo é um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “Velhices Masculinas: um estudo sobre experiências do envelhecer”. A pesquisa foi realizada em 2010 com homens participantes de um programa de universidade aberta para a terceira idade e versou sobre envelhecimento, geração e gênero. No entanto, o artigo a seguir dará ênfase às questões de envelhecimento e gênero e está dividido em três partes: (1) Envelhecimento: uma questão de

* Bacharel em Ciências Sociais e acadêmica do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais - UFSC. E-mail: lainelimao@gmail.com

gênero, (2) Método, (2.1.) NETI: *lócus* da pesquisa, (2.2.) As entrevistas, (3) Resultados e Discussão, (3.1.) "Acho que é por causa do machismo, que eles acham que é coisa pra mulher": sobre menor participação masculina nos programas para terceira idade e, considerações finais.

2. Envelhecimento: uma questão de gênero

Beauvoir (1991) descreve a velhice nas sociedades históricas como uma imagem incerta, confusa e contraditória. Para os gregos, há um conflito no domínio dos mitos e das gerações, onde a ideia geral dos relatos é: "os antigos deuses, ao envelhecerem, tornam-se cada vez mais maldosos e pervertidos" (BEAUVOIR, 1991, p. 120).

Weber (2004) ao explicitar os tipos de dominação, denomina por:

Gerontocracia la situación en que existe una autoridad en la asociación, esta se ejerce por los más viejos, originariamente según el sentido literal de la palabra: los mayores conocedores de la sagrada tradición. (WEBER, 2004, p.184).

No ritual dos *Kĩsêdjê* ou *Suyá*, índios que habitam o Xingu do Mato Grosso no Brasil, os jovens iniciados são considerados como expressão máxima da ideia de masculinidade e autocontrole, enquanto o comportamento dos idosos é o oposto, caracterizado pelo humor, descontração e obscenidade. Os velhos da sociedade *Kĩsêdjê* possuem um papel social de atuar como palhaços nos rituais, responsáveis por eventuais cenas de humor ao final da tarde, quando provocam risadas nos mais jovens. (SEEGER, 2003).

Os exemplos demonstram a heterogeneidade no modo de tratamento das pessoas idosas em diferentes sociedades e momentos da história. Segundo Wallerstein (2004, 2006) é no projeto de modernidade, iniciado no século XVI com as grandes navegações e reificado no século XVIII com o Iluminismo, que o ciclo da vida humana e, conseqüentemente o envelhecimento foi universalizado no mundo ocidental.

Para Giddens (2000) foi no século XVIII que a maior parte das instituições modernas das sociedades ocidentais se consolidaram, fazendo com que certos eventos e ações distantes atuassem de modo intenso e crescente sobre nossas vidas. Embora nas sociedades ditas pré-modernas e sociedades não ocidentais tivessem algum tipo de

marcação etária como critério de diferença, é na modernidade¹ que se dá relevância à institucionalização do curso da vida no ocidente, universalizando e regulamentando as sequências etárias.

Segundo Àries (2006), desde a Idade Média até o século XVIII, um dos traços dominantes era a mistura de idades na organização social, embora o mesmo autor reconheça que em épocas anteriores, nas áreas de civilização oral e rural tem-se o registro de algumas sociedades organizadas por classes de idade. O autor demonstra como a partir do século XIII, especialmente no Ocidente, foi se ampliando a distância entre os adultos e as crianças, na medida em que estas foram gradualmente ocupando seus próprios espaços.

No início da Revolução Industrial, autores(as) passaram a comparar o corpo a uma máquina sujeita ao desgaste, analogia já feita por Descartes (1596 – 1650), associando o conceito de velho ao conceito de doença. Em 1903, de acordo com Neto (2006), surge a Gerontologia (do grego *geronto*: *velho, ancião e logia*, do grego *logos*: *tratado, estudo a respeito de*) utilizada pela primeira vez pelo cientista russo Elie Metchnikoff (1845 – 1916), como uma nova especialidade de estudo. Durante algum tempo os estudos sobre envelhecimento continuaram a ter como base somente os aspectos da biologia humana, considerando a perda cognitiva, controles do movimento do corpo e controles psicoemocionais, como etapas mais ou menos seguidas pelos seres humanos. Debert (1999) acusa que a perda destes fatores é que leva à estigmatização dos(as) idosos(as), se considerados apenas pela ótica da incapacidade funcional e incidência patológica.

Autores(as) como Magalhães (1989), Paschoal (1996), Peixoto (2007, 2009) e Debert em vários momentos associam a criação dos termos *idoso* e *terceira idade* enquanto representações sociais da velhice ligadas à criação das políticas de aposentadoria iniciadas no século XIX na França, marcada pela inserção do indivíduo no processo de produção. No Brasil, os termos designados ao envelhecimento foram se moldando, amparado pelas iniciativas europeias, como a criação das universidades abertas para a terceira idade, no bojo do projeto desenvolvimentista do país. A partir do modelo da *Université du Troisième Age* (UTA) criada em 1973 na França, outros programas educacionais para esta faixa etária, funcionando em universidades, se intensificaram. Primeiramente na Europa, depois na América e num grande número de países, abrindo espaço também para a integração e pesquisas na área do estudo do processo de envelhecimento: a gerontologia. (Cachioni, 2003). De

acordo com esta autora, a partir de 1980 esses programas intensificaram em adaptar seu currículo na melhoria do processo de socialização, na educação permanente e nas oportunidades do exercício contínuo da cidadania, elaborando uma programação baseada em três eixos: participação, autonomia e integração.

Para Debert (2009), é comum que atividades para a terceira idade programadas para mobilizar um público acima dos 60, 70 anos, acabem por atrair pessoas e mais especificamente mulheres de 50 anos. Segundo Palma (2000), as universidades abertas para a terceira idade são constituídas por uma demanda de pessoas mais jovens e escolarizadas, que se aposentam cada vez mais cedo, sugerindo novos modelos de pessoa idosa e das próprias propostas educativas.

Segundo Simões (2007), há um desprezo por parte dos homens pelas atividades não ligadas ao trabalho, engajados que estão historicamente pela luta dos movimentos dos aposentados, sindicatos e associações. O participar em programas educacionais lhes parece apenas lazer e entretenimento.

Neste sentido, é possível pensar a baixa participação masculina em universidades abertas para a terceira idade sob a ótica do gênero, uma vez este conceito "não ser colado" somente aos estudos voltados apenas para a mulher ou a condição feminina. Segundo Scott (1990, 2002), não é escrever uma história que negue ou assuma as diferenças ou igualdades de homens e mulheres, mas antes enfatizar a complexidade das relações não determinadas pelo sexo, mas enquanto construções sociais.

A autora tece críticas quanto à elaboração das teorias ou recortes, tomados por outras feministas adeptas a um universalismo, primeiramente, centrado no pressuposto do domínio masculino absoluto e posteriormente contrário ao biologismo, se legitimando somente na organização social.

Para Grossi (1998), os estudos de gênero são uma das consequências das lutas libertárias dos anos 60 do século XX. Esta década foi um período de grande questionamento sobre a sexualidade. Nos grupos feministas se pensava que era necessário que as mulheres se reunissem sem os homens, pois haviam sido silenciadas ao longo da história e a ausência de homens era uma forma de garantir a palavra das mulheres. A partir de 1980, deixa-se de falar de condição feminina e passa-se a tratar das mulheres com suas inúmeras particularidades. Com essa abertura, o conceito de gênero, segundo Negreiros (2004), foi se arrolando em meio às mudanças sociais, sendo ressignificado nas variações cada vez mais desbiologizantes, constituindo-se em

outras matrizes que não só masculino/feminino, permitindo inserir o estudo de outras identidades e papéis de gênero. No rol desta abertura, a partir de 1996, o estudo das masculinidades surgiu no *Seminário Internacional Fazendo Gênero* na Universidade Federal de Santa Catarina, com temáticas que transitam nas inúmeras possibilidades de *o que é ser homem?*. No entanto, dos mais de 70 simpósios e grupos de trabalho geralmente disponíveis neste Seminário, poucos são destinados aos estudos das masculinidades, e, dentro deste, poucas palestras se voltam para o envelhecimento masculino.

Sobre os estudos do envelhecimento feminino, Debert (2009) atesta três modelos da mulher idosa no Brasil: 1) sua dupla vulnerabilidade (enquanto mulher e enquanto idosa); 2) com maiores vantagens, considerando que já está mais acostumada do que o homem com as perdas e mudanças do corpo; e 3) a *androginia*, ou seja, uma dissolução das diferenças na idade avançada. Considera-se, sob esta perspectiva que a mulher vai se masculinizando por perder suas funções materno-reprodutoras e o homem por perder sua virilidade.

Em relação aos estudos do homem idoso, Birman (2009) demonstra uma “desorientação ontológica”, um deslocamento de um lugar fixo para outro não fixo. Uma quebra hierárquica do lugar do homem ocupado desde o século XIX ao lado do lugar submisso da mulher voltado à maternidade e que, a partir dos anos 60 do século XX, seguiu um percurso diferente. O segundo deslocamento masculino se deu devido ao que ele chamou de *Revolução dos Gays* - entendida como o avanço do movimento e das lutas empreendidas pelos homossexuais, uma desconstrução e dissolução maciça do *falo* e do patriarcalismo. Num terceiro momento, Birman sugere o deslocamento ocasionado pela *Revolução Transexual*, ou seja, na possibilidade de ser um “outro corpo”, facilitou a retirada do princípio de uma “certa identidade” masculina. Esses deslocamentos, segundo o autor, fazem parte de um conjunto radical de transformações sociais que viabilizaram o surgimento dos discursos da reprodução social no lugar dos discursos de reprodução biológica.

Magalhães (1989) acrescenta o desajustamento masculino sofrido dentro e fora de casa. O primeiro por não ter sido preparado para o serviço doméstico e o segundo pela ruptura da aposentadoria. O homem idoso vê-se, assim, despojado de sua masculinidade, seja pela perda gradual da identidade de chefe no trabalho, chefe de família e de sua virilidade.

3. Método

3.1 NETI: *lócus* da pesquisa

O Núcleo de Estudos da Terceira Idade da Universidade Federal de Santa Catarina – NETI/UFSC, criado em 1982, é o pioneiro em programas de universidades abertas para a terceira idade no Brasil, no caráter do ensino, pesquisa e extensão. Suas atividades pautam-se na elaboração, socialização e ampliação dos conhecimentos, estabelecendo o resgate do papel do(a) idoso(a) na sociedade brasileira. O núcleo oferece um total de 25 atividades: Curso de *Especialização em Gerontologia (lato sensu)*, Curso de *Formação de Monitores da Ação Gerontológica - CFMAG*, Curso *Os Avós na Universidade*, *Cinedebate em Gerontologia I e II*, Curso *Contadores de História*, Curso de *Leitura e Escrita Para Pessoas Idosas e Adultas* e *Empreendedorismo na Terceira Idade*, Cursos de *Inglês, Espanhol, Italiano, Francês e Esperanto*, *Grupo de Encontro*, *Oficina de Auto Conhecimento*, *Oficina de Inclusão Digital*, *Oficina de Teatro para Idosos* e *Oficina Otimização da Memória*. E os projetos permanentes: *Projeto Intercâmbio Comunitário em Gerontologia*, *Projeto Grupo de Apoio aos Familiares de Portadores da Doença de Alzheimer*, *Projeto Resgate Histórico do NETI*, *Projeto Ressignificando a Arte no Envelhecer* (projeto em que a autora deste artigo atuou por dois anos), *Projeto Grupo de Apoio aos Portadores da Doença de Parkinson – APASC*, *Grupo de Apoio à Longevidade – GAL*, *Grupo de Estudo Sobre Memória* e *Grupo de Convivência 5 de Maio*. (NETI, 2010).

Observando o Núcleo e as estatísticas da maioria dos programas educacionais para esta faixa etária, o quadro de baixa participação masculina apontado pelos(as) autores(as), se confirma. No segundo semestre de 2010, o número de idosos(as) participantes do núcleo, contabilizaram um total de 108 homens e 587 mulheres.

3.2 As entrevistas

No período de 09 de junho a 23 de agosto de 2010 foram entrevistados cinco homens² participantes do NETI. O critério de escolha se deu por pertencerem ao gênero masculino e pela interação sócio-afetiva já existente entre pesquisadora e pesquisados visto a pesquisadora ser bolsista de extensão neste núcleo. Com o intuito de preservar a identidade deles, foram utilizados, ao longo do trabalho, nomes iniciais de personalidades do *rock*: Mick J., Robert P., David

G., Neil Y, e Jeff B., em uma alusão aos ícones Mick Jagger, Robert Plant, David Gilmore, Neil Young e Jeff Beck. A escolha por estes pseudônimos é meramente ilustrativa, embora sugiram um distanciamento entre ser um homem com 60 anos ou mais e ser um velho, no sentido estereotipado atribuído pela sociedade, conforme muito bem lembrado por um dos entrevistados:

A gente tava vendo aqui um vídeo de um cara que já tem 70 anos (referente um clip dos Rolling Stones), e que tem uma semiótica, uma história, uma experiência que nenhum cara de 30 tem! Não se pode falar que ele é velho, como vai falar? Você não consegue nem falar Sr. Mike Jager. (MICK J., 2010)

Das cinco entrevistas, apenas duas foram realizadas no espaço do NETI, as demais foram realizadas nas casas dos entrevistados, a pedido dos mesmos. A pesquisa foi de cunho qualitativo com entrevista semiestruturada, sendo que o roteiro foi flexível de acordo com o contexto: adequar as perguntas no modo de falar do entrevistado, como por exemplo, *roça* e *estudar na universidade* ao invés de *área rural* e participar de um programa para a terceira idade, respectivamente. E foi inserido outras perguntas a partir de suas histórias, como por exemplo: "*ah é? e depois da roça o que você fez?*"? Esse recurso permitiu conquistar a confiança do entrevistado e ter uma maior aproximação do seu *mundo simbólico*. O roteiro iniciou com perguntas sobre o tempo presente: participação no NETI, o cotidiano, entre outros, para aos poucos o entrevistado se sentir mais à vontade em falar de assuntos do passado e de suas vidas: trabalho, formação acadêmica, participação em outros grupos, relações conjugais e familiares, percepção da mulher e do homem até chegar às percepções de si enquanto homem e enquanto velho, projetos de vida e finitude.

4. Resultados e discussão

As categorias analíticas emergiram do objetivo da pesquisa, mas também do que parecia fazer mais sentido ao entrevistado, do que lhe tocava e pareceu ser importante durante a entrevista: representações do trabalho; relações conjugais; menor participação masculina nos programas para a terceira idade; velhice, saúde e doença; a fábula do caminho percorrido e, de finitude e projeto de vida. Para fins deste artigo, será contemplado a categoria de menor participação masculina nos programas para a terceira idade.

4.1 "Acho que é por causa do machismo, que eles acham que é coisa pra mulher": sobre menor participação masculina nos programas para a terceira idade

Indagados sobre porque consideram uma baixa participação masculina nos programas para a terceira idade, os entrevistados responderam que é devido ao "machismo", inibição do homem e maior facilidade da mulher em atividades coletivas, ou em suas palavras:

Eu ainda acho que é por causa do machismo, que eles acham que é coisa pra mulher! Hoje me parece que tem muito mais mulher na universidade [...]. Porque homem não quer nada! Mas eu acho que é o machismo.

(ROBERT P., 2010).

[...] os homens são muito "mandrião", não querem nada com nada, acham que porque já fizeram 67 anos ou 60 anos, já desistem, porque tem muita gente que diz: "porque eu vou estudar? Já passei a minha vida, já passei a minha infância, já trabalhei, agora não quero mais nada, só quero descansar", é boa vida, água fresca e sombra, eu acho que são muito malandro [...].

(NEIL Y., 2010).

Primeiro porque tem mais mulher no mundo (*risos*), segundo, a mulher é mais desinibida do que o homem. [...] O homem tende muito mais ao isolamento do que a mulher. Mulher, deu vontade ela vai no muro e conversa com a vizinha. A solução para a mulher é mais fácil. [...] a mulher está assumindo algumas coisas que o homem assumia, mais uma vez ela leva vantagem, é desinibida, [...] quando se juntam, são muito mais assanhadas, podemos dizer (*risinhos*) do que o homem, disparado. O homem é mais fechado, é cabrero. (J. BECK., 2010).

A princípio pelas diferenças: homem e mulher, isso qualquer idade, não é uma questão de terceira idade exatamente, mas dentro desse processo histórico, isso é assim mesmo, o homem está sempre junto de outras tarefas pseudo-perigosas, de proteção, manutenção [...] eu acho que a mulher tem muito mais esse perfil de um coletivo, do relacionamento em conjunto [...]. (MICK J., 2010).

Primeiro lugar o homem morre antes, via de regra. Hoje que as mulheres estão começando a morrer mais cedo e aí as viúvas realmente procuram no NETI uma ocupação exatamente dentro daquele sentimento que eu te falei de mim, eu acho que são poucos os homens que se preocupam, via NETI, por exemplo, ser útil à sociedade. Então eu acho que fundamentalmente o homem se dirige

para outras áreas, tipo o Rotary, coisas assim. E o NETI neste ponto, vai continuar sendo baluarte feminino. (DAVID G., 2010).

Segundo os entrevistados, o homem em relação à mulher tem menor predisposição às participações coletivas. Os motivos sobre a baixa participação masculina que emergem nas falas perpassam pelas questões demográficas de maior longevidade feminina, pelo "machismo" dos homens e o costumeiro argumento de que a mulher é mais desinibida. Debert (1994) atesta que a luta por mudanças culturais mais amplas (a dos movimentos sociais) mobiliza um público feminino, embora considere que tanto as associações de aposentados (de maioria homens), como os programas para a terceira idade (de maioria mulheres), sejam espaços de luta contra os estigmas do envelhecimento. A autora atesta ser comum atividades para a terceira idade atrair mais mulheres, especificamente as que se encontram na faixa dos 50 anos, nos programas que admitem esta faixa etária. No entanto, isto não impediu os entrevistados e outros homens idosos a participarem do NETI, mesmo tendo no início alguma relutância:

Foi interessante porque eu até cheguei a falar na época com a coordenadora. Eu achava um absurdo, que toda vez que se falava no NETI na televisão, aparecia lá um bairinho, idoso com idosa, idosa com idosa e tal, que eu pensei em não fazer esse curso [...] eis que a N. que é a minha esposa, resolveu entrar. Quando ela me disse quais eram as matérias que ela estava estudando, aí sim! Então não é o que eu pensei, não é? É mais sério. Então, no semestre seguinte eu iniciei e foi a melhor coisa na vida que eu fiz.

[...] Maior arrependimento que eu tive foi ter me aposentado, mas de certa forma, o próprio NETI veio cobrir essa lacuna, entende? Eu sempre trabalhei. Trabalhei 47 anos, de repente me aposentei, fiquei assim sem fazer nada! [...] Fazer um trabalho voluntário pra mim é agora um GRANDE projeto [...]. (ROBERT P., 2010).

Robert P. (2010) entrou no núcleo por intermédio de sua esposa, depois de ter percebido que não se tratava de “bairinho de idoso com idosa”. Fez o Curso de Formação de Monitores da Ação Gerontológica e o Curso de Contadores de História. Em conversa da pesquisadora com a professora deste curso, Eloá Caliar Vahl, ela relata que quando o Curso acabou Robert P. perguntou: “e agora, o que a gente faz quando acaba o curso?” Ao que ela respondeu: “continua!” E ele continuou. Criou o Grupo *A Hora da História* e de 2004 à 2011 atuou à frente desse grupo de maioria mulheres, contando histórias em Instituições de Longa Permanência - ILPs, creches,

escolas e demais lugares e eventos, como a *Semana de Pesquisa e Extensão da Universidade Federal de Santa Catarina*. Para Robert P., a participação no NETI se configura como uma continuidade do trabalho, um projeto de vida.

David G.(2010) também participante dos Contadores de História procurou por uma vaga no NETI, tendo como mola propulsora o querer ser útil:

Eu entrei no NETI por uma [...] não lembro mais quem me falou que havia esse curso pra Formação de Monitores Gerontológico, onde eu poderia ser útil, justamente quando eu tava procurando algo. E aí busquei informações e cheguei lá e consegui uma vaga. (DAVID G., 2010).

J. Beck (2010) entrou no NETI não por causa de sua aposentadoria, mas devido ao surgimento da doença de Parkinson:

Numa palestra dada por uma francesa, num anúncio de jornal me convidando, eu apareci. Era sobre Parkinson. E aí tinha uma lista pra assinar a presença, eu assinei [...] (J. BECK, 2010).

É interessante perceber que das vinte e cinco atividades oferecidas pelo NETI, o Grupo de Apoio ao Portador da Doença de Parkinson é a atividade que mais congrega participação masculina com 57% contra 43% de participação feminina. Seguido pelo Curso de Italiano I com 40% de participação masculina. Os cursos de línguas são os mais procurados pelo público masculino, embora a maior participação ainda seja do público feminino. Dos cinco cursos de línguas oferecidos pelo núcleo, apenas 15% das vagas é preenchida por homens. (NETI, 2010).

Mick J.(2010) foi um dos que preencheu essas vagas e que entrou no NETI por outros motivos, que não o considerar-se idoso e/ou fazer atividades para a terceira idade:

Eu já não estou fazendo mais. Como toda minha vida [...] você vai ver na entrevista que esta minha mudança de rota é uma frequência 24 horas, começo fazendo uma coisa e termino outra e o francês no NETI foi uma coincidência, por que como eu comecei a fazer o trabalho de identidade para aquele evento e naturalmente [...] em determinado dia vi um cartaz que convidava pessoas para participar do curso de francês que estava voltado para esta faixa. E o francês é uma das coisas que eu sempre começo e paro. Então, na hora que eu li, pensei: já que estou fazendo uma coisa aqui, posso fazer outra e acho que vai ser bom por várias questões, não é? e ali comecei a fazer e fiz o

primeiro bloco naquele semestre. [...] se serve pra sua entrevista, eu não fui fazer o curso por causa da terceira idade, foi por causa do francês [...]. (MICK J., 2010).

Neil Y., (2010) ao contrário de Mick J., entrou no NETI em busca de atividades para a terceira idade. Essas atividades têm para ele um significado muito além de uma ocupação para o tempo livre. No seu caso, tempo livre é o tempo que não está na universidade, o tempo que lhe sobra para visitar seus filhos e a família. Para os amigos e demais parentes nem sempre sobra tempo: “há anos não vou na casa de meu compadre, que mora tudo um do lado do outro. Eu tenho o dia cheio, não tenho tempo”. (NEIL Y., 2010). Os primeiros vinte minutos de entrevista foram para contar minuciosamente todas as atividades de que participa, eis alguns trechos:

Ah! Você quer saber de tudo que eu faço na faculdade? É muita coisa! (*muitas gargalhadas*). Eu faço estudos para a terceira idade, coral, teatro [...] Tô na escola da Marize (*se referindo ao Programa de Atividades Físicas e Dança Folclórica para a Terceira Idade, oferecido pelo Centro de Desportos da UFSC*) fazendo Pau de Fita, Dança da Rendeira, Ratoeira, tá, 3 coisas né? É [...] ginástica com a Marize também, Boi-de-Mamão. [...] faço também musculação, memória, violão, tudo aqui na faculdade, o violão é a noite, escola de violão. Ah! Ano passado tava no computador também! (*a Oficina de Inclusão Digital*). (NEIL Y., 2010)

Os entrevistados apresentaram vários motivos de inserção no NETI: por causa da esposa, para sentir-se útil, pelo surgimento da doença de Parkinson, para trabalhar num evento e para aprender mais. Em nenhum momento a condição etária foi citada como motivo pela procura, mesmo esta sendo uma das normas principais para entrada no núcleo. Não se sentem embaixo do "guarda-chuva conceitual da terceira idade". Para esses homens, nem sempre o trabalho e a aposentadoria determinam suas experiências de velhice e, se determinam, nem sempre acontece de modo dramático, conforme J. Beck (2010): "Não fiz muita filosofia em cima não. Porque quando aposentei, na mesma semana ou na semana seguinte eu já tava trabalhando em outra coisa. [...]".

Aposentar-se, para Neil Y.(2010), foi como ter conquistado a liberdade de ser/fazer outra coisa nunca antes possível em sua vida. É com Robert P.(2010) e David G.(2010) que a transição da aposentadoria assume, num espaço relativamente curto de tempo, uma crise de identidade, "colados" que estavam às identidades do trabalho

exercido por eles, o que lhes configura na necessidade de ser útil na forma do trabalho voluntário.

Seja como for, a aposentadoria homogeneiza os homens participantes do NETI, visto as atividades acontecerem nos períodos matutino e vespertino, quando geralmente os não aposentados estão trabalhando. Participar no NETI é o que os difere de outros homens de mesma faixa etária e acaba por aproximá-los uns dos outros, como estudantes deste núcleo. É um ambiente novo, não só pelo estar aposentado e toda a carga simbólica que advém com este estado, mas também porque a velhice parece chegar, para alguns, um dia depois de parar de trabalhar.

5. Considerações finais

O filme "O curioso caso de Benjamin Botton" de David Fincher (2009), adaptação do romance de F. Scott Fitzgerald de 1920, narra a história de um homem que nasce com oitenta anos e aos poucos vai rejuvenescendo. Destaca-se o seguinte diálogo entre os personagens: "Como é ficar jovem?" pergunta Daisy a Benjamin. Ele responde: "Eu não sei, estou sempre olhando pra fora". Ficar jovem, como na ficção ou envelhecer enquanto uma condição humana, é percebido mais pelo outro do que por si mesmo. Longe de um universalismo etário imposto pela institucionalização ocidental, os entrevistados encaminham suas vidas, muito diferente das concepções que geralmente se tem para homens de sua idade. Não obstante, continuam tendo os mesmos gostos, desejos e anseios, sendo o homem que sempre foi: um trabalhador, amante, pai, fã dos Rolling Stones, esportista, ativo e militante. São esses homens que vivenciaram os eventos da Ditadura Militar de 1964, como é o caso de J. Beck, militante ativo nos movimentos estudantis, tendo sido detido duas vezes, mas liberado depois, que agora luta por seus direitos enquanto um homem de 70 anos com a Doença de Parkinson.

As percepções de suas masculinidades e velhices não estão vinculadas às condições etárias, mas às experiências acumuladas, às trajetórias de vida. De forma alguma parecem *assexuados*, *feminizados* ou *andróginos*, como se queira denominar, demonstrando na postura, gestos, entonação da voz e nas falas da entrevista, os mesmos elementos masculinos percebidos em homens com idade inferior, mesmo que em alguns deles não haja um só cabelo preto.

Suas velhices são indissociáveis das velhices femininas. Elas repousam como um contraponto às suas percepções. A maioria vive

com uma companheira, percebendo-se a si próprio na velhice dela. As relações conjugais são determinantes para a continuidade de seus sonhos e projetos, para facilitar a participação no NETI como nas palavras de Neil Y.: “Sim, a minha senhora! Ela é que cozinha pra mim quando preciso ir pra aula”.

(NEIL Y., 2010). Ou, ainda conforme David G. (2010):

Momento mais feliz do dia pra mim é quando eu sento de noite com a minha mulher pra olhar a televisão [...] a gente fica tomando um vinhozinho tinto. Isso pra mim é o momento mais bonito do dia! [...] minha companheira também está com 69 anos [...]. (DAVID G., 2010).

Participar e permanecer em um programa para a terceira idade, com maioria feminina, é contrariar a posição de muitos homens que desistem ao ver tantas mulheres juntas, é se igualar à condição humana de aprendizes, independente do gênero, mas reconhecendo a capacidade de que se pode aprender durante toda a vida.

Compreender a baixa participação masculina em programas de universidades abertas para a terceira idade perpassa inexoravelmente pela compreensão de como sujeitos envelhecetes percebem sua existência e de como direcionam suas ações e pensamentos, negociando os espaços, inscrevendo-se e reivindicando seu lugar no mundo.

Notas

1 - Para Giddens (1991, p.11), a modernidade se situa a partir do século XVII, conforme sua citação: “[...] modernidade refere-se a estilos, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa a partir do século XVII”. Modernidade é entendida por ele como sinônimo de sociedade moderna ou industrial, com influências econômicas mais perceptíveis do que em outras formas de sociedade, a saber, o capitalismo; mas não só, também devido ao distanciamento do espaço e do tempo, padronizado pelo relógio mecânico e a ruptura com o passado e a tradição.

2 – Um dos entrevistados é parkinsoniano. A Doença de Parkinson (DP) foi identificada pelo médico inglês James Parkinson, em 1817, como sendo uma alteração do sistema nervoso central que afeta os mecanismos de produção de neurotransmissores, resultando em

distúrbios do movimento como: tremores, rigidez muscular e alterações posturais, os intitulados sinais cardinais. Problemas não motores também podem estar presentes no quadro, como depressão e os relacionados com o sono, memória e comportamento. As causas da doença ainda são desconhecidas, mas admite-se que 5% dos casos sejam hereditários e, o restante vinculado a causas múltiplas (medicamentosa, tóxica, infecciosa ou traumática). (5ª SEPEX. Anais do Evento, 2005).

Referências

ÀRIES, Philippe. **História social da criança e da família**. Trad. Dora Flaksman. 2ª Ed. Rio de Janeiro: LTC, 2006.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo II: a experiência vivida**. Trad. Sérgio Milliet. 2ª Ed. Difusão Européia do Livro: São Paulo, 1967.

_____. **A Velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

BIRMAN, Joel. **A ética e a psicologia masculina forjadas pela cultura**. In: SEMINÁRIO ENVELHECIMENTO MASCULINO. 2009. SESC - São Paulo.

BUTLER, Judith. Sujeitos de sexo/gênero/desejo. In: **Problemas de Gênero**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CACHIONI, Meire. **Quem educa os idosos? Um estudo sobre professores de universidades da terceira idade**. Campinas/SP: Ed. Alínea, 2003.

DEBERT, G. Guita. Gênero e Envelhecimento: Os Programas para a Terceira Idade e o Movimento dos Aposentados. In: **Revista Estudos Feministas**. v. 2, n. 3, p. 33-51, 1994.

_____. **Cadernos Pagu: Gênero em gerações**. Campinas/SP: Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP, 1999.

_____. **Sexualidade, conjugalidade, viuvez e novos relacionamentos na vida do homem idoso**. SEMINÁRIO ENVELHECIMENTO MASCULINO. 2009. SESC - São Paulo.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Unesp, 1991

_____; PIERSON, Christopher. **Conversas com Anthony Giddens: o sentido da modernidade**. Trad. Luiz Alberto Monjardim. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

GROSSI, Miriam Pillar. **Identidade de Gênero e Sexualidade**. Antropologia em Primeira Mão, n. 24, Florianópolis, PPGAS/UFSC, 1998

MAGALHÃES, N. Dirceu. **A Invenção Social da Velhice**. RJ: edit. Papagaio, 1989.

MUCIDA, Ângela. Sexualidade e amor no homem idoso. In: **Revista A Terceira Idade: estudos sobre envelhecimento**. Edição Especial Seminário Envelhecimento Masculino. Vol. 20 n. 46. São Paulo: SESC, 2009.

NEGREIROS, C. G. M. Teresa. **Sexualidade e gênero no envelhecimento**. ALCEU, v.5, n.9, p.77-86, 2004.

NETO, Matheus P. O Estudo da Velhice: histórico, definição do campo e termos básicos. In: **Tratado de geriatria e gerontologia**. 2 ed. Rio de Janeiro: Guanabara- Koogan, 2006.

PALMA, Lúcia. **Educação Permanente e Qualidade de Vida: indicativos para uma velhice bem-sucedida**. Passo Fundo: UPF, 2000.

PASCHOAL, P.M.Sérgio. Epidemiologia do Envelhecimento. In: **Gerontologia: a velhice e o envelhecimento em visão globalizada**. Neto, P. Matheus. (org.) São Paulo: Atheneu, 1996.

PEIXOTO, C. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: *velho, velhote, idoso, terceira idade* ...In: **Velhice ou Terceira Idade?** 4ªed. São Paulo: FGV 2007.

_____. **As relações afetivas do homem idoso: família e rede de amigos**. In: SEMINÁRIO ENVELHECIMENTO MASCULINO. 2009. SESC - São Paulo.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: **Educação e Realidade**. Porto Alegre: 1990.

_____. **A cidadã paradoxal: as feministas francesas e os direitos do homem**. Florianópolis: Mulheres, 2002.

Simões (2007).

WALLERSTEIN, Immanuel Maurice. **World-Systems Analysis: an introduction**. Duke University Press. 2004.

_____. **Impensar a ciência social**. Aparecida, SP: Ed. Ideias e Letras, 2006

WEBER, Max. **Economía y Sociedad**: esbozo de sociologia comprensiva. 2ed. México: FCE, 2004.

NETI. **Núcleo de Estudos da Terceira Idade**. Disponível em: <<http://www.neti.ufsc.br>>. Acesso em: 11 novembro. 2010.

5ª SEPEX. Anais do Evento. 2005. Trabalho apresentado por Ângela Maria Alvarez, Marize Amorim Lopes, Lúcia H. T. Gonçalves, Miriam Conceição dos Santos, Miriam Moritz, Maria Aela Nino de G. Aedo, Maria Cristina Remor Pagani, Ingrid Montardo S. de Castro, Natália Cristina Cipriani e Nicole Orosco Maciel, no estande da Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão: ciência para todos. Disponível em: <http://www.sepex.ufsc.br/anais_5/index_fixo800600.html>. Acesso em: 15 janeiro 2011.

SEEGER, Anthony. **Povos indígenas no Brasil: sociedade e rituais**. 2003. Disponível em: <<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/kisedje/1226>>. Acesso em: 10 janeiro 2011.

Fazendo Gênero: corpo, violência e poder. Simpósios Temáticos. 2008. Disponível em: <<http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/simposios.html>>. Acesso em: 10 janeiro 2011.